

Advocatus

01-07-2010

Periodicidade: Mensal**Classe:** Outras**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 2500**Temática:** Justiça**Dimensão:** 1289**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/6 a 8

6 Sofia Carreiro, sócia da Sérvulo & Associados Legislação é importada

A mais nova das sócias da Sérvulo & Associados acha que estamos bem servidos de legislação: "Não vou dizer que haja um excesso, mas já temos muita regulamentação. Talvez na área do ambiente ainda seja preciso desenvolver alguma coisa. Fruto da nossa inserção na UE, a legislação hoje em dia não nasce em Portugal especificamente. É importada".



Entrevista

Cristina Arvelos
Jornalista
c@brasilinfo.net



Sofia Carreiro, sócia da Sérvulo & Associados

“O importante é ter bom senso”



Ramon de Melo

“Tenho o que é importante num advogado: bom senso. Se o advogado não tiver bom senso, vai fazer um mau trabalho, vai prejudicar o cliente”, afirma Sofia Carreiro, 36 anos. Licenciada em Direito pela Católica, a mais nova das sócias da Sérvulo & Associados reconhece ser “um bocado teimosa, o que às vezes não é muito bom”, e persistente, mas “um nada agressiva na primeira aproximação”

Advocatus | O que a levou a decidir ser advogada?

Sofia Carreiro | Quando tive de optar, na minha altura, por áreas, estava a estudar no Colégio Moderno e fui para Letras, por não ter apetência para as Matemáticas, o que é comum nos advogados. Mas estava ainda inclinada para o Jornalismo, na moda entre os jovens, também por ir ao encontro do espírito empreendedor e contestatário, próprio da idade. Achava que, se fosse jornalista, poderia fazer as perguntas que quisesse, poderia questionar tudo. Entretanto, no Colégio Moderno, escolhi uma cadeira de Direito e apaixonei-me.

Advocatus | O que a fez apaixonar-se?

SC | O professor foi importante, mas essencialmente foi a matéria e a forma como foi dada: fizemos simulações de julgamentos, em que eu fazia de advogada. Foi muito fora de vulgar. Delirei, não tive mais dúvidas e hoje não me vejo noutra área. É um bocado banal, mas não me vejo noutra profissão, sinto-me realizada.

Advocatus | A família teve influência?

SC | Pelo contrário. Os meus pais são médicos, sou filha única. Desde miúda que ouvia em casa falar sobre casos de saúde sinistros e nunca tive apetência para a Medicina. Aliás, os meus pais passavam vergonhas, e ainda hoje passam, sempre que vou aos hospitais onde trabalham. Desde abrir as portas com os pés para não lhes tocar até sei lá mais o quê, sempre manifestei um comportamento distante de tudo o que está ligado à prática da Medicina. Em contrapartida, gosto de receitar...

Advocatus | Acerta nos diagnósticos?

SC | Faço o diagnóstico em situações pouco complicadas, médico e depois mando mensagens aos meus pais para confirmarem. Aconteceu recentemente nas férias. Os meus pais ficam furiosos, mas como as situações também são casos de constipação, dor de barriga...

Advocatus | Foi boa aluna?

SC | Fui. Não era a melhor, mas sempre estive entre os melhores, no Colégio Moderno e na Faculdade. Era interessada, gostava de ir às aulas.

Advocatus | Que memórias tem do Colégio Moderno?

SC | Muito boas. Era um colégio familiar, com uma atenção especial aos alunos. Sentiamo-nos muito acompanhados no dia-a-dia. Era uma privilegiada. Antes, tinha vivido três anos nos Açores, onde tenho família. A escolha do Colégio Moderno aconteceu, e ainda bem, por ter vindo dos Açores a meio de um ano escolar. Estava na 2.ª classe. E só sai de lá para a Faculdade. O ensino era ótimo e como consequência a taxa

de colocação dos alunos do Colégio na Faculdade era fantástica. Aliás, 90% dos que concorreram no meu ano entraram na Faculdade.

Advocatus | O curso de Direito não é um curso de marranço?

SC | Nunca fiz apontamentos. Estudei sempre pelos livros. O curso de Direito é efectivamente trabalhoso e implica muito estudo. Mas o Direito tem também uma vertente prática, de casos práticos, onde aplicamos a teoria aprendida.

Advocatus | Houve algum caso de barra que a tivesse marcado?

SC | Sim, tive uma discussão mais acesa com um juiz na Boa-Hora, numa officiosa. Achei que o juiz tinha tido um comportamento inacreditável com o arguido e opus-me. Fiz uns requerimentos. Tinha o sangue na guelra, estava a fazer o estágio e até fiquei com algum receio que fizesse participação à Ordem. Mas não fez. Actualmente dedico-me à advocacia de negócios – aquisições, fusões, contratos e ao Direito Privado.

Advocatus | O que há de estimulante nessas áreas?

SC | A negociação com os colegas, o contacto com os clientes. Fazer o cliente ver os prós e os contras de uma solução, de um caminho. Assessorar um cliente na venda ou na compra implica sempre uma componente de adrenalina. Gosto muito desta parte. Esta advocacia é ainda diversificada, pois lidamos com várias áreas de negócios – desde clientes que estão na área da energia eólica a outros que têm fábricas ou produzem arroz.

Advocatus | Um advogado é também um psicólogo de cada cliente?

SC | Acho que sim. Apesar de hoje em dia os clientes serem grandes empresas, trabalha-se melhor se existir maior proximidade. Tem de existir um conhecimento da pessoa, tal como tem de existir o conhecimento do negócio dessa pessoa, do cliente. Esta perspectiva do advogado é mais recente, mas é fundamental.

Advocatus | A crise tem sido efectiva?

“Apesar de hoje em dia os clientes serem grandes empresas, trabalha-se melhor se existir maior proximidade. Tem de existir um conhecimento da pessoa, tal como tem de existir o conhecimento do negócio do cliente”

SC | Sem dúvida. Há menos operações de aquisição, quem disser o contrário está a fugir à verdade. Mas tem havido reestruturações, porque as empresas optam nestas alturas por aproveitar sinergias. Há muitas operações de reestruturação dentro dos grupos, de optimização dos recursos. Tenho feito também operações interessantes de fusões internacionais.

Advocatus | A advocacia ainda é um Mundo dos homens?

SC | Nunca senti discriminação. Chego a estar em negociações e jantares só com homens e nunca senti qualquer tipo de discriminação.

Advocatus | Nem pela positiva?

SC | Não. Também acho que por aí não decorre. Talvez possam, numa negociação, não usar uma linguagem tão agressiva pelo facto de ser mulher. Mas mesmo assim penso que não. Acho que hoje em dia isso está ultrapassado. Pelo menos quero acreditar nisso. Na Sérvulo & Associados somos duas sócias. Eu sou a mais nova das mulheres.

Advocatus | A Sérvulo & Associados é a sua primeira sociedade?

SC | Estagiei e fui aluna na Faculdade do Dr. Ferreira Pinto. Estou com ele desde 2008. A Ferreira Pinto, vocacionada essencialmente para o Direito Privado, fundiu-se com a Sérvulo & Associados, essencialmente vocacionada para o Direito Público.

Advocatus | O que diferencia a Sérvulo das outras firmas?

SC | É uma sociedade que premeia muito na qualidade do trabalho que desenvolve e aposta em trabalhar em questões de valor acrescentado para os clientes. É uma sociedade em que todos os sócios são portugueses, não temos parcerias com qualquer sociedade internacional. Costumamos dizer que premiamos a excelência.

Advocatus | Considera que esta característica do made in Portugal é uma vantagem?

SC | Continuo a achar que sim, até

“Confesso ter pouca tolerância para o imprevisto. Mas aquele friozinho, aquela adrenalina da barra ainda me fascina”

porque muitos dos sócios e associados da Sêrvulo" têm uma ligação a Academia. São professores, na Católica, na Clássica ou na Nova. As pessoas que aqui trabalham têm um grau de conhecimento acima da média, sem dúvida.

Advocatus | A mudança da sede para o Chiado teve algum significado especial?

SC | A mudança ocorreu num fim-de-semana de Dezembro de 2008, em que choveu torrencialmente. Aconteceu na sequência da fusão das duas sociedades, embora o Chiado também tenha um valor sentimental para alguns dos sócios, nomeadamente para o professor Sêrvulo Correia. Teve o seu primeiro escritório na Baixa e hoje está outra vez no Chiado. O seu gabinete tem uma vista espectacular.

Advocatus | Abriram escritórios no Porto e Açores...

SC | Recentemente nos Açores, em 2009 no Porto. A Madeira é uma hipótese que está a ser ponderada, assim como a expansão internacional.

Advocatus | Para Angola?

SC | Possivelmente. É um mercado apetecível, em que há muito por fazer, também no Direito: desde legislação a assessoria às empresas. É começar de novo. Aqui as coisas, já estão mais encaminhadas.

Advocatus | Iria para Angola?

SC | Já pensei nisso. Tenho um filho que vai fazer seis anos. Não sei muito bem. Não ponho completamente de parte essa hipótese. Mas iria sempre por um período limitado. Sou filha única, tenho cá os meus pais, sou muito ligada à família. Não sou uma aventureira por natureza. Gosto de algum risco, mas controlado.

Advocatus | É adepta do estilo do Bastonário da Ordem dos Advogados?

SC | Ele tem feito o seu papel, dentro do seu estilo. Cada pessoa tem o seu. Ele tem um estilo muito próprio. Se eu fosse Bastonária, se calhar, não conseguiria coibir-me de algumas manifestações, que não são tão

politicamente correctas. Acho que o Bastonário tem boas ideias e tem feito um bom trabalho.

Advocatus | Há muita coisa por legislar?

SC | Não vou dizer que haja um excesso, mas já temos muita regulamentação. Talvez na área do ambiente ainda seja preciso desenvolver alguma coisa. A legislação, também fruto da nossa inserção, é muito ditada pela União Europeia. A legislação hoje em dia não nasce em Portugal especificamente, é importada.

Advocatus | Já lhe apeteceu voltar a fazer barra?

SC | Costumavam dizer que tinha jeito, apesar do incidente com o juiz. Penso nisso, pois gosto de argumentar. Confesso ter pouca tolerância para o imprevisível. Chegar lá e saber que a sessão foi adiada porque falta qualquer coisa. Mas aquela friozinho, aquela adrenalina da barra ainda me fascina.

Advocatus | Como é o seu dia-a-dia?

SC | Vou levar o meu filho à escola de manhã, pois ele ainda pode entrar mais cedo ou mais tarde. Para o ano já não será assim. No escritório, tenho as reuniões com os clientes. Há alturas em que tenho de ir ao estrangeiro em trabalho. Já fui várias vezes à Alemanha e a Madrid. Somos mais objectivos e menos complicados do que os advogados espanhóis. Já os alemães são práticos, contrariamente ao que pensaríamos. A advocacia portuguesa não está nada atrás da que se pratica em outros países.

Advocatus | Como se definiria como negociadora?

SC | Um bocado teimosa, o que às vezes não é muito bom. Sou persistente, um nada agressiva na primeira aproximação. E acho que tenho o que é importante num advogado: bom senso. Se o advogado não tiver bom senso vai fazer um mau trabalho, vai prejudicar o cliente. O bom senso também se aprende com a experiência. Hoje tenho mais bom senso.

"Se eu fosse Bastonária, se calhar, não conseguiria coibir-me de algumas manifestações, que não são tão politicamente correctas. Acho que o Bastonário tem boas ideias e tem feito um bom trabalho"



"Não vou dizer que haja um excesso, mas já temos muita regulamentação. Talvez na área do ambiente ainda seja preciso desenvolver alguma coisa. Fruto da nossa inserção na União Europeia, a legislação hoje em dia não nasce em Portugal especificamente. É importada."

HÓBIS

Bailarina, gulosa e fã de futebol

Nasceu em Lisboa e é filha única. Sabe partilhar, mas assume ter o mau feitio característico dos filhos únicos, tipo "as coisas devem ser como ela quer e gosta". Sonhou ser bailarina, antes de achar que ia ser jornalista. Só largou o *ballet* no 2.º ano da Faculdade de Direito. Hoje, os seus prazeres passam por idas ao ginásio e ao cinema, literatura e doces. Gulosa, come chocolate todos os dias e faz bolos sofisticados. Apreciadora do humor de Woody Allen, Nilton, Bruno e Gato Fedorento, gosta ainda de futebol. Aceitava sem pestanejar ser advogada dos negócios de José Mourinho. Admite: "Ele tem, de facto, o poder fantástico de agregação das pessoas à sua volta e ainda o da concretização dos objectivos. E é bonito!"